

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

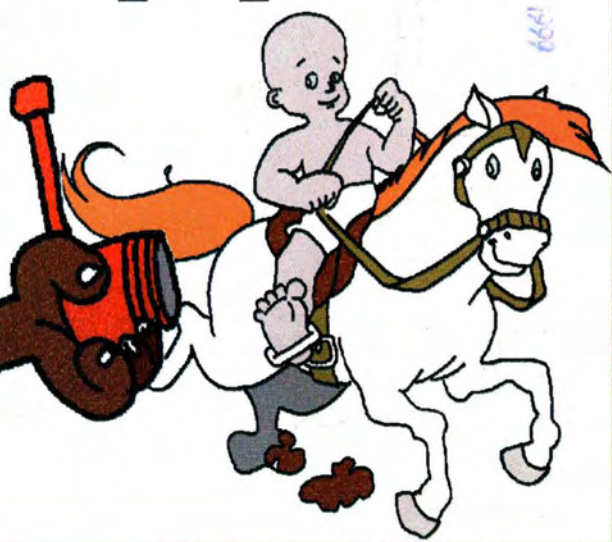
DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999

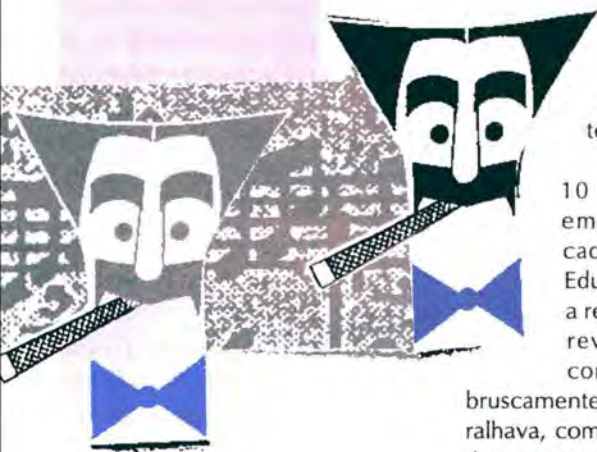
VA
|
|
|

Brasília, capital da música, homenageia o velho maestro

□ AGLAIA SOUZA

Eleazar de Carvalho fazia o público cantar cada estrofe do Hino Nacional Brasileiro no início de cada concerto. Parava, corrigia e repetia à exaustão. Era uma época de civismo e havia orgulho de ser brasileiro.

Recentemente, Eleazar de Carvalho faleceu deixando um grande vazio na música brasileira e internacional.



Durante o encerramento da XIV Feira do Livro de Brasília, ouviu-se a Orquestra Sinfônica de São Paulo, tendo como solista o pianista Artur Moreira Lima, sob a batuta do inesquecível maestro Eleazar de Carvalho. Foi sua última apresentação nesta cidade.

Na ocasião, tive o privilégio de apertar sua mão, realizando assim o desejo oculto da menina que fui, nos áureos anos do Teatro Municipal de minha cidade natal, quando a Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro era regida pela figura beethoveniana do maestro.

Levada pelas mãos de meu pai, comecei a freqüentar os Concertos para a Juventude com meus cinco anos, e trago na lembrança fatos pitorescos como o da senhora de *pélerine* e *lorgnon*, reclamando, pedante, do sutil ruído de papel de bala em minhas mãos: "Da próxima vez, traga balas envoltas em papel de seda!"

Guardo até hoje minha carteira de sócia da Juventude Musical Brasileira, assinada pelo então colega Luiz Carlos Passos de Moura Castro - na foto, a menina de laçarote branco na cabeça, congelada pelo tempo em minha memória.

Nos concertos dominicais, às 10 horas da manhã, assistia, emocionada, na ponta da cadeira, verdadeiras aulas de Educação Musical. O maestro, a reger, com sua vasta cabeleira revolta movendo-se ao compasso da música, parava bruscamente, voltava-se para o público e ralhava, com voz tonitroante e dedo em riste apontando o infrator: "Não se entra no meio de um concerto. Senhores retardatários, procurem chegar no horário. Não sendo possível, aguardem nos corredores, atrás das cortinas, o intervalo." Virava-se para a orquestra e retomava a execução.

Didaticamente, interrompia com explicações detalhadas sobre a peça, exemplificando com trechos da obra, e finalmente regia na íntegra a música, agora plenamente compreendida pela platéia atenta.

Outro ensinamento guardado por todos quantos assistiram às récitas da orquestra foi referente ao Hino Nacional Brasileiro, também cantado em todas as escolas, desde a instituição do canto orfeônico por Villa-Lobos. Eleazar de Carvalho fazia o público cantar cada estrofe, parava, corrigia, repetia à exaustão, a cada início de concerto. Era uma época de civismo puro e sincero, comungado por todos. Havia o orgulho de ser brasileiro, o amor pela bandeira e pelo hino nacionais, o amor pela pátria, enfim.

O maestro Eleazar de Carvalho deixou, além da saudade em cada um dos que o conheceram, a marca de sua influência em várias gerações de músicos, de estudantes, de bons ouvintes, apreciadores de sua batuta, o pulsar de um coração indomável de orgulho brasileiro.

Um ano após, ao encerrar-se a XV Feira do Livro, Brasília homenageou o fundador e grande incentivador da juventude musical brasileira, por intermédio da juventude musical brasiliense. Cidade já conhecida nacionalmente por sua musicalidade, com vários prêmios conquistados, no Brasil e no exterior, por jovens músicos, Brasília orgulha-se por abrigar talentos precoces, ainda não descobertos pelos próprios habitantes da cidade.

Absurdo, isso: vários pontos do país, e até outros países conhecem e reconhecem valores em Brasília, e a população local enaltece simplórios artistas vindos de outros estados, contribuindo para que voltem às cidades de origem com os bolsos abarrotados, enquanto nossos jovens músicos buscam ajuda com alguns conscientes empresários para viajarem, levando o nome de Brasília, e retornarem laureados, e anônimos.

Triste é o país que não valoriza sua juventude, terminando por permitir a ida desses promissores artistas para centros culturais mais desenvolvidos, geralmente em países europeus.

E a gente sonha, imaginando um dia ver a cidade aplaudir Maria Beatriz Ramos, Ariadne Paixão, Daniel Tarquínio, Beatriz Salles, Lígia Moreno Silva, Jorge Braz Pereira Gomes, Diana Daher, André Frasunkiewicz e tantos outros auto-exilados desta nossa querida capital da música.